

O ATEMPORAL

Alaor Chaves

A esquina não se distinguia das outras daquele bairro velho e desmazelado, com indícios de um dia ter sido mais digno. A cidade o usara, o desgastara, e depois o largara ao abandono. Outros mais pobres tomaram os lugares deixados pelos que emigraram e a vida continuou a pulsar em suas ruas. Eu o visitava porque nele havia uma oficina de carros que passava de pai para filho, e eu gostava do serviço prestado. O dono era neto ou bisneto do fundador.

Na verdade, eu visitava o bairro com muito mais frequência do que os problemas de meu carro, que eram raros, exigiam. É fato que não fosse a oficina eu não teria sabido da esquina, mas era esta que me atraía ao bairro. Ali havia um bar que ocupava toda a edificação, bem pequena, que no alto do frontispício mostrava entalhes evocativos da sua função original. Nela funcionara por muito tempo uma associação mística, na verdade talvez de feiticeiros. Corriam boatos sobre o bar, que eram vagos e não muito concordantes. Ouvi que ali vivia um sábio, mas também se falava que ele era um mago, e também que era um alquimista que havia criado um elixir da imortalidade.

Um lojista da rua ao fundo, que comercializava móveis usados baratos e uma ou outra antiguidade, me disse, tendo a precaução de me levar a um canto onde ninguém mais podia ouvi-lo, que o habitante não sofria o efeito do tempo. A barba e o cabelo não precisavam ser aparados, pois não cresciam. Não carecia comer nem beber água, seu rosto e seu corpo tinham aspecto imutável. “Viu-o apenas uma vez, e desde então passei a ter um pesadelo, terrível e sempre o mesmo...”. Um freguês se aproximou e ele passou a explicar a procedência de uma cristaleira que se via ao lado.

Muitas vezes estacionei o carro próximo ao bar, na esperança de obter indícios. Achei que nele entravam pessoas estranhas, depois deduzi que eu as achava estranhas porque tinha a perversa expectativa de vê-las como tais. Para evitar ser notado em minha assiduidade, dava voltas lentas no quarteirão, com o que acabei aprendendo mais sobre ele do que sobre o bar.

Naquele dia, levantei-me com a decisão que eu covardemente adiava. Tomei calado meu café, escolhi para vestir uma roupa que me pareceu neutra o bastante, o que talvez apaziguasse minhas superstições, e peguei o carro. No caminho, tentei achar algum afazer urgente que eu não podia adiar, o que

justificaria minha desistência. O máximo que consegui foi lembrar que eu não tinha ido ao banheiro, como fazia nas manhãs.

Estacionei decididamente o carro, cruzei a rua e entrei no bar. O atendente, que logo eu soube ser o dono, me aguardava, como se a visita tivesse sido agendada. No bar só havia ele.

– Veio conhecer o impassível, afirmou com tom de certeza.

– Impassível... O que isso quer dizer?

– Ele não se perturba com nada que ocorre à sua volta, sequer dá sinal de que as percebe.

– Como ele chegou até aqui?

– Meu pai, antigo dono deste local, o trouxe de uma caverna. Explorava-a, e ao correr a lanterna pelo redor deu com ele. Conversaram, meu pai perguntou por que estava lá, ele respondeu que aquele era um lugar como outros que conhecera e até mesmo habitara. Meu pai prosseguiu indagando, e deduziu, por razões que não cabe explicar, que ele tinha estado lá por séculos. Não necessitava comer nem beber, mas para distrair-se às vezes comia uma aranha. Havia morcegos, que importunavam, e o teto da caverna gotejava, o que também não contribuía para o conforto do morador. Meu pai lhe disse que possuía um lugar em muitos aspectos parecidos àquele, mas sem inconveniências que ele tinha percebido, onde ele poderia morar, se quisesse. Ele acompanhou meu pai, sem questionamento e também com tranquilidade. Meu pai deu-lhe a capa que vestia para proteger-se do respingar da água, pois o homem estava nu, e ele a vestiu dando sinal de entender o propósito da veste.

– Onde o encontro?

– Ele mora no porão. Os magos que construíram esse local se reuniam nele porque gostavam do silêncio. Ao final, à minha esquerda, há um pequeno corredor que leva à escada. Aos sensíveis ou sugestionáveis, aconselho tomar um trago e aguardar até que sintam o efeito.

Disse isso enquanto se abaixava e pegava uma garrafa de conhaque e um cálice, que pôs sobre o balcão. Após certa hesitação, agradei e recusei a oferta.

Após vistoriar o desvão da escada, desci. Ela dava na lateral do porão, e o homem estava sentado na lateral adjacente, encostado à parede. Não sei se ele me notou, pois desci em silêncio e a luz não era intensa. Estava nu. Era impossível atribuir-lhe qualquer idade, pois ele parecia ter todas e também nenhuma. Parei uns três metros à sua frente e abaixei levemente a cabeça, em silencioso cumprimento que ele não respondeu. Iniciei a conversa.

– Falam que não te desgastas com o rolar do tempo, e...

Demorei em terminar a frase, que claramente seria uma interrogação, cuja resposta ele tinha pronta e imediata, talvez por tê-la ouvido tantas vezes. Pegou um cristal, que mal preenchia a palma da mão, exibiu-o e disse:

– Esse teto um dia desabará, e a escada ao seu lado já estará arruinada, mas este cristal será sempre o mesmo. O tempo não tem efeito sobre todas as coisas.

– Quando nasceste?

– Naquele tempo o frio era tão intenso que não era possível morar fora de uma caverna, e a fogueira tinha de estar sempre acesa. Houve outros tempos anteriores, mas não consigo lembrar deles, ou cansei de os lembrar. Vivi em incontáveis bandos, tive incontáveis mulheres, que um dia morriam ou se cansavam de mim. Meus filhos, também incontáveis, também se enfileiravam rumo à morte. Desde não lembro quando, a caça não trazia nada que eu ignorasse, ou que me surpreendesse. O ciclo do sol, do gelo, da água se repetia quase sempre igual. Quando o sol cortava o céu mais distante do horizonte e o frio se abrandava, muitos animais apareciam, vindo do sul, e a caça era abundante. Eu mostrava aos mais jovens como acuá-los contra o rio ou a rocha para ficarem ao alcance da lança. Isso antes de eu inventar a flecha, muito melhor para caçar animais pequenos. Alguns não eram vulneráveis à flecha. O mamute, que há tempo não vejo mais, era insensível até mesmo à melhor lança, mas o fazíamos despencar em ribanceiras. Olha, nessa mão faltam dois dedos. Perdi-os durante uma caça, por uma distração tola.

Depois veio o calor, que até hoje perdura. Começaram a plantar coisas que a terra sempre havia produzido espontaneamente, a criar ovelhas, bois e cavalos, que sempre haviam se multiplicado sem nossa intervenção. Viramos os senhores das plantas e dos animais. Escravizamos o cavalo e o boi, e não tardou para que escravizássemos uns aos outros. O mundo ficou iníquo e havia reis. Eu também fiquei injusto e frívolo e um dia fui rei. Hamurapi era eu. Sim-Mubalite, que então reinava, me adotou como filho porque lhe falaram que eu nunca morreria. Renunciou ao trono em meu favor.

Já que o mundo era iníquo, achei necessário estabelecer regras para a iniquidade. Inventei-as e menti que as recebera de Samas, esse deus poderoso. Estatuída por um deus, a opressão seria acatada como parte da ordem do mundo. O céu é insensível à dor de tudo que ele cobre. As pedras sentem alguma coisa quando as lascamos? Nunca me perguntei isso, o que importava era a faca ou o machado.

O tempo passava e não me envelhecia, o que intrigou os súditos. Pensei em dizer que eu era o próprio Samas, mas temi sua maldição. Uma noite saí do palácio e dos muros da cidade. No amanhecer, juntei-me a uma caravana.

Não se disfarça por muito tempo que não se envelhece. Quando descobriram isso, e já sabendo que eu não precisava comer, me venderam como escravo, pois eu era muito valioso. Trabalhei nas minas onde se extraía o ouro que me comprou, além dos confins do reino. Fugi e voltei a vagar pelo mundo. Não conto os anos e sei que os que vivi são incontáveis. Vi as transformações do mundo, sei como falar todas as línguas. Em Roma, fui centurião e também fui escravo. Prenderam-me no subterrâneo de um circo de

onde eu só saia para lutar contra leões ou outros escravos. Os leões, eu os vencia como se fossem gatos. Os outros homens, como se fossem crianças, o que de fato eles eram.

Um dia, isso faz pouco tempo, tornei-me escravo de um mercador de escravos de uma raça negra que tinham desenvolvido, assim como no passado desenvolveram cães, bois, e cavalos de muitas cores. No Egito e em Roma, onde os conheci, eram muito apreciados porque o sol mais ardente não ofende as suas peles. Meu dono trazia esses escravos para essa terra, onde as palmeiras não produzem tâmaras doces, mas o ouro é abundante. Fugi, me pegaram e levaram para cavar e peneirar o ouro. Fugi mais uma vez e achei aquela caverna. Trouxeram-me para este lugar.

Ele calou-se, encerrando a narração.

– Resumiste muito a sua história

– Você não viveria o bastante para ouvir algo mais completo.

Sem nem mesmo fazer um gesto de despedida, caminhei rumo à escada. É pouco provável que ele tenha volvido os olhos para observar minha saída.